

BARBARA O'CONNOR

• Autora do aclamado *Apenas Um Desejo* •

≡ UMA AMIZADE ≡  
**Premiada**

As grandes amizades nascem  
quando menos se espera.



booksmite

*Para Mimi e Leslie*

## MAVIS



**A** Mavis Jeeter sentou-se na estação de autocarros, ao lado da mãe, e sussurrou adeus a Hadley, Geórgia. Respirou fundo e soltou um grande suspiro para indicar à mãe que estava cansada de dizer adeus.

— Porque não podemos ficar aqui? — perguntava, sempre que a mãe anunciava que se iam mudar.

E a mãe explicava-lhe que estava farta de terrinhas parolas e sítios onde Judas perdeu as botas. Que precisava de mudar de ambiente. Que tinha uma amiga ou uma prima ou um namorado à espera noutro lugar.

Desta vez, despediam-se de Hadley, Geórgia, para que a mãe pudesse ser governanta de uma família rica em Landry, Alabama.

A Mavis soltou outro suspiro profundo que lhe levantou o cabelo emaranhado da testa. Depois debruçou-se e semicerrou os olhos para ver a estrada.

— Quando chega o autocarro? — perguntou pela enésima vez.

— Em breve — respondeu a mãe pela enésima vez.

Por vezes, a Mavis desejava viver com o pai no Tennessee, ao invés de o visitar apenas de quando em quando. O pai ficava num único sítio. Por outro lado, ainda morava com a mãe, que não gostava da Mavis.

— Aquela criança é uma selvagem — queixava-se ela, mesmo à frente da Mavis. — Não recebe um pingo de disciplina daquela mãe — dizia, como se a Mavis fosse invisível e não estivesse sentada no sofá, ao lado dela. — Deixa-a à solta — resmungava, levantando os braços e abanando a cabeça.

Finalmente, o autocarro apareceu a toda a brida e a Mavis, quando deu por si, estava a ver Hadley, Geórgia, desaparecer através da janela.

— Adeus, quarto ano — sussurrou, quando o autocarro passou pela Escola Primária de Hadley. — Bom verão — acrescentou.

Tinham passado só umas semanas desde que os miúdos haviam gritado vivas no último dia de escola, mas agora as persianas estavam corridas nas salas de aula vazias.

— Adeusinho, Bi-Lo — murmurou, quando passaram pela mercearia onde a mãe trabalhara alguns meses até chegar a casa, um belo dia, e anunciar: «Não vou perguntar “Papel ou plástico?” nem mais uma vez.»

— *Adiós*, melhor amiga — sussurrou, quando passaram pela Candler Road, onde morava a sua amiga do peito, a Dora Radburn.

Soltou então outro grande e profundo suspiro. Agora que pensava nisso, a Dora não tinha sido realmente uma melhor amiga. Nunca guardava lugar para a Mavis ao almoço e tinha mentido descaradamente sobre a festa de anos. Talvez se as Jeeters ficassem tempo suficiente num sítio, a Mavis pudesse ter uma melhor amiga *a sério*.

Por isso, quando o autocarro virou para a autoestrada, a Mavis despediu-se finalmente de Hadley, Geórgia, e tomou a decisão logo ali que, em Landry, Alabama, iria conseguir ter uma melhor amiga a sério.

## ROSE



**P**or vezes, a Rose Tully achava que tudo estava mal nela. Também parecia que a mãe lho lembrava quase todos os minutos de todos os dias.

— Ponha-se direita, Rose — dizia ela.

— Não pode vestir *isso*, Rose.

— Não sorva a sopa, Rose.

Contudo, mesmo que a Rose se sentasse direita, ou mudasse de roupa, ou comesse a sopa com a maior delicadeza, havia sempre alguma coisa mal.

E foi assim que, numa bela manhã de verão em Landry, Alabama, com o sol a derramar-se pelas janelas da sala de jantar com vista para o jardim, a Rose tirou as passas das papas de aveia e ficou à espera de que a mãe lhe dissesse o que estava mal.

— Não *faça* isso, Rose — disse a mãe.

A Rose atirou uma passa para dentro da boca e olhou para o pai. Por vezes, ele dizia, «Então, Cora, não implique com a Rose». Mas hoje não. Hoje, engoliu o sumo de laranja de uma maneira que fez a Sra. Tully semicerrar os olhos e depois agarrou na pasta, saindo porta fora sem sequer dizer adeus.

— Despache-se, Rose — disse a Sra. Tully. — Deve haver trânsito na autoestrada, e eu nem sei bem onde é a estação de autocarros. Começo a ter reservas quanto a esta Jeeter, se nem sequer carro tem — acrescentou, bebendo o último gole de café.

— Mas ela traz a filha, não é? — perguntou a Rose.

— Infelizmente, sim — respondeu a Sra. Tully. — Não sei se esta foi das minhas melhores ideias.

A Rose dobrou o guardanapo e colocou-o direitinho ao lado do prato. Não o disse em voz alta, mas tinha esperança de que a filha da tal Jeeter fosse mais simpática do que a Amanda Simm.

— Espere por mim lá fora — mandou a Sra. Tully.

Pegou no guardanapo em cima da mesa, recolheu pratos e tigelas e copos de sumo com estrépito, e desapareceu pela porta oscilante para dentro da

cozinha, deixando uma nuvem de descontentamento atrás de si.

Quando a Rose abriu a porta de casa, uma onda de ar quente de verão entrou e misturou-se com o ar condicionado gelado da entrada. Os dias de maio, agradáveis e cálidos, tinham dado lugar aos dias escaldantes do princípio de junho, o começo de um verão certamente sufocante no Alabama.

A casa da Rose era a maior nas Mansões Magnólia. Tinha um acesso sinuoso, ladeado por sebes bem aparadas, e uma campainha na porta que tocava a *Ode à Alegria*, de Beethoven. De cada lado da porta da frente, havia um leão em betão, a boca aberta num possante rugido. Quando os Tullys se mudaram para lá, dois anos antes, a Rose chamara-lhes *Pete e Larry*.

No alpendre, a Rose fez festinhas nas cabeças do *Pete* e do *Larry*, e saboreou o cheiro a relva acabada de cortar. O jardineiro, o Monroe Tucker, já lá tinha estado nessa manhã, tendo começado cedo como sempre, para fugir ao calor do meio-dia. Uma vez que o jardim dos Tullys era muito grande, ia três vezes por semana, aparava as sebes, tirava as ervas daninhas do jardim e garantia que os arbustos



floridos tinham exatamente a mesma altura, como a Sra. Tully gostava.

A Rose correu para o fim do acesso e olhou para a estrada do lado da portaria. Desejava poder visitar o Sr. Duffy, em vez de ir à estação de autocarros com a mãe. Desejava poder levar-lhe amoras para o animar. Desejava mostrar-lhe como já dominava o truque de magia que ele lhe tinha ensinado. Acima de tudo, desejava que a cadelinha do Sr. Duffy, a *Rainha*, não tivesse morrido.

## MAVIS



**Q**uando chegaram à estação de autocarros em Landry, a mãe da Mavis recordou-lhe todas as regras outra vez.

Nunca entrar em casa dos Tullys sem bater à porta primeiro.

Lembrar-se de dizer, «Sim, senhora» e «Não, senhora», porque os ricos gostavam disso.

Não dizer nada de mal sobre o apartamento na garagem onde elas iriam viver, mesmo que fosse um pardieiro.

— Faças o que fizeres — disse ela, de dedo espetado para a Mavis —, tens de ser boazinha para a filha daquela senhora.

— Como se chama ela mesmo?

— Rose.

— Rose — sussurrou a Mavis de si para consigo. Era um nome com ar simpático.

Pronto, *desta* vez, não iria estar com rodeios.

A Rose seria a sua melhor amiga em Landry, Alabama.

A mãe tirou um espelhinho da mala, compôs o cabelo e soprou um beijo a si própria.

— Uma senhora bastante bem-parecida, modéstia à parte — disse, piscando o olho à Mavis e atirando o espelho para dentro da mala. — Pronto, Mei Mei, vamos a isto.

E lá foi ela, corredor do autocarro fora, a pavonear-se como um modelo na passarela, obrigando a Mavis a correr para não ficar para trás.

## ROSE



**A** Rose entrou para o banco de trás do carro preto e brilhante dos Tullys. Ouvia a mãe queixar-se do calor, do péssimo corte de cabelo que a Darlene Tillman lhe fizera e do Sr. Tully, que nunca fazia o favor de encher o depósito do carro. Enquanto percorriam as Mansões Magnólia, a preocupação pairava sobre a Rose como uma nuvem de tormenta.

Primeiro, a preocupação com o lote vazio do outro lado da rua. No meio do terreno, havia uma tabuleta dourada com flores de magnólia à volta e letras pretas bonitas a dizer FAÇA AQUI A SUA CASA DE SONHO. A Rose desejava que as pessoas parassem de fazer as suas casas de sonho nas Mansões Magnólia. Não tardava a que não houvesse mais amoras para comer, nem flores silvestres para apanhar, nem

árvores para trepar. Em vez delas, grandes casas de tijolo, com relvados bonitos, mantidos verdes o verão inteiro por aspersores invisíveis que se ligavam nas primeiras horas da manhã.

Quando passaram pela casa da Amanda Simm, a nuvem de preocupação da Rose foi crescendo e enegrecendo. A mãe e a Sra. Simm estavam sempre a tentar que a Rose e a Amanda brincassem juntas outra vez. Ora, a Rose e a Amanda já não gostavam assim tanto uma da outra. *Costumavam* brincar juntas, quando estavam no terceiro ano, mas agora que andavam no quinto, parecia que não tinham nada em comum. A Amanda não gostava de sapateado e a Rose não gostava de fazer compras no centro comercial. A Amanda não gostava de brincar aos circos com o *Pete* e o *Larry*, os leões de betão, e a Rose não gostava de dormir em casa alheia. Porém, o cúmulo para a Rose era a Amanda já não gostar do Sr. Duffy, o porteiro. Ela nunca o tinha *dito* realmente, mas a Rose percebia. A Amanda começara a fazer caretas quando o Sr. Duffy contava histórias sobre criar porcos no Vermont durante a juventude. Ria-se de maneira nada simpática quando ele adormecia na portaria e os motoristas das carrinhas das

entregas tinham de buzinar. E revirava os olhos quando ele fazia de conta que lhes tirava moedas das orelhas. Agora, a Amanda já não ia à portaria e a Rose não se importava nada.

Quando as Tullys passaram pela portaria das Mansões Magnólia, a nuvem de preocupação da Rose baixou sobre ela como um manto de tristeza. O Sr. Duffy era porteiro desde que os Tullys se tinham mudado para lá, dois anos antes. Mantinha registo de quem podia entrar nas Mansões Magnólia e aonde ia. Um canalizador para os Barkleys na Azinhaga dos Cornisos. Um estafeta para entregar encomendas na Rotunda dos Roseirais. Um senhoras que iam jogar bridge quarta-feira sim, quarta-feira não, em casa da Sra. Larson no Passeio das Camélias.

O Sr. Duffy tinha bastante jeito para fazer a Rose sentir-se melhor. Confortava-a quando ela não queria passar a noite com outras crianças no clube das Mansões Magnólia. Sabia precisamente o que lhe dizer quando ficava angustiada por ter de andar no autocarro da escola. Nunca a fazia sentir-se mal por não querer aulas de arranjos florais ou piano, como a mãe ditava.

A Rose visitava-o praticamente todos os dias. Contava-lhe da escola e ele contava-lhe do peixe-gato gigantesco que saltara do barco de volta para o lago. Ela mostrava-lhe os passos de sapateado que aprendera na escola de dança e ele ensinava-lhe um truque de magia com copos de papel e botões.

E quase todos os dias, a cadelinha do Sr. Duffy, a *Rainha*, esperava pacientemente que a Rose lhe lançasse migalhas de bolachas de água e sal, ou pipocas, ou até um pedaço de queijo. Ladrava ao gato dos Grovers, aceitava petiscos do técnico da companhia telefónica e saía para a beira da estrada, pois queria ver os camiões a trazerem tijolos para a construção de mais uma casa de sonho.

No entanto, a *Rainha* já não existia e o Sr. Duffy já não fazia truques de magia nem jogava damas. Não tocava o *kazoo* enquanto a Rose cantava uma canção. Também não dizia, «Cuidado comigo, ó peixe-gato», quando eram horas de voltar para a sua pequena caravana à beira do lago.

Assim, enquanto o carro preto e brilhante dos Tullys subia a autoestrada na direção da estação de autocarros, a Rose dava voltas à cabeça a pensar como haveria de animar o Sr. Duffy.

## MAVIS



**A** Mavis saltitava ao pé-coxinho pela estação de autocarros, com o cuidado de aterrar só nos quadrados pretos do chão de linóleo. Se tocasse num branco, alguma coisa má iria acontecer, por exemplo, perder a pedra da sorte em forma de coração que encontrara no quintal da casa na Geórgia, ou o pai mudar de ideias em relação a deixá-la passar o Natal com ele no Tennessee.

— Estás a dar-me dor de cabeça — disse a mãe, fechando os olhos e massajando as têmporas.

— Quando chegam elas? — perguntou a Mavis, saltitando até à janela para espreitar o parque de estacionamento vazio.

A mãe remexeu na mala e tirou outro pacote de pastilhas elásticas. Andava a mascar pastilha elástica



constantemente nos últimos três dias. A Mavis sabia que o que lhe apetecia mesmo era um cigarro, mas a Sra. Tully tinha sido bem clara quanto à sua regra de não aceitar fumadores.

— As pessoas pomposas não querem saber se chegam atrasadas — respondeu a mãe.

— Como sabes que são pomposas? — perguntou a Mavis.

A mãe meteu uma pastilha na boca e respondeu:

— Acredita que sei.

— Então, porque queres trabalhar para gente pomposa? — perguntou a Mavis.

— Caso não tenhas reparado, menina Mei Mei — respondeu a mãe —, é preciso dinheiro para chegar a qualquer lado neste mundo. Se houver gente pomposa que me quer dar dinheiro pelo prazer de lhes mudar os lençóis, mesmo quando não estiverem sujos, ou de lhes servir meloa em pratos de porcelana, estou disposta a arriscar.

Ai, ai. Arriscar? Aquilo soava a *temporário* à Mavis, que estava na esperança de que aquela mudança para o Alabama fosse permanente. Pelo menos, até ela terminar o quinto ano. Então, a Mavis decidiu que teria de fazer logo amizade com a Rose.

Nisto, entrou no parque de estacionamento um carro preto e brilhante. Saíram uma senhora e uma menina e avançaram para a estação. A senhora tinha uma saia florida e uma blusa branca com folhos. Debaixo do braço, trazia uma malinha da mesma cor que os sapatos.

A Mavis ficou admirada ao ver que a menina também usava saia. Porque usaria ela uma saia no verão? O cabelo castanho e baço da menina estava bem apanhado num rabo-de-cavalo com uma fita roxa. A mãe da Mavis dissera que a menina era da mesma idade, mas parecia mais nova, era baixa, magra e tinha praticamente de correr para acompanhar a mãe, que marchava pelo parque de estacionamento na direção da porta da estação de autocarros.

A mãe da Mavis tirou logo a pastilha da boca e colou-a debaixo dos assentos de plástico da estação. Alisou o cabelo, sacudiu migalhas de dónute dos calções e lembrou à Mavis, pela enésima vez, de dizer, «Sim, senhora» e «Não, senhora». Depois afivelou um sorriso na cara e chamou:

— Sra. Tully! Estamos aqui!

A Mavis pôs-se a observar aquela mulher pomposa vindo ao seu encontro, e não era preciso ser

nenhum génio para ver que estava desiludida. Se calhar, eram os calções da mãe que podiam ser um bocadinho curtos de mais. Ou talvez fosse o cabelo emaranhado da Mavis, que não via uma escova desde que tinham saído de Hadley, na tarde anterior. Ou talvez fosse o cheiro a comida frita e fumos de escape que pairava na estação sombria.

Fosse o que fosse, era evidente que a Sra. Tully se esforçava por obrigar a boca a sorrir, enquanto os olhos dardejavam da Mavis para a mãe e para as malas velhas que tinham a seus pés.

## ROSE



**A** mulher puxou os calções para baixo e estendeu a mão à Sra. Tully.

— Sou a Luanne — disse.

A Sra. Tully cerrou os lábios intensamente e ripostou:

— *Sra. Jeeter* parece-me mais apropriado. Quer dizer, dadas as circunstâncias.

— Está bem, seja, mas é *menina Jeeter*.

A Rose estava atrás da mãe, tímida como sempre. Não tinha jeito para conhecer pessoas novas, muito menos à frente da mãe, que lhe dava sempre uma cotovelada e lhe dizia o que dizer. «Pelo amor de Deus, Rose, apresente-se», dizia.

— Está bem, menina Jeeter — anuiu a Sra. Tully.

— Espero que a viagem de autocarro não tenha sido

muito má. — Levou a mão ao cabelo. — Imagino que aqueles autocarros sejam horrendos — acrescentou.

A menina Jeeter encolheu os ombros e disse:

— Não que não esteja acostumada a autocarros, mas os lugares atrás, onde ficam as casas de banho, são de evitar, se é que me entende. — Piscou o olho à Sra. Tully, que pigarreou e passou a mala de um braço para o outro.

Entretanto, para grande surpresa da Rose, a filha da menina Jeeter, toda despenteada, avançou saltando ao pé-coxinho e disse:

— Sou a Mavis. Vais ser a minha melhor amiga, está bem?

A Rose olhou para a estação de autocarros, procurando outras crianças. A rapariga estava mesmo a falar com *ela*? Melhor amiga? Em todos os seus 10 anos de vida, nunca havia tido propriamente uma melhor amiga. Bem, talvez uma. A Ida Scoggins. Morava ao lado dos Tullys, nas Mansões Magnólia, quando eles se mudaram para lá. Ensinara a Rose a fazer sapos em origâmi e deixava-a levar a passear a sua cadelinha, chamada *Francesinha*, que usava camisola e que, uma vez, mordera o jardineiro Monroe

Tucker. Fazia sempre a Rose rir-se, quando dançava como as havaianas à volta do aspersor do jardim ou enfiava pauzinhos chineses no nariz. Um dia, a Ida pintou as unhas da Rose de vermelho-vivo. A cor chamava-se «Va-Va-Vum», e a Rose tinha adorado. Mas a Sra. Tully telefonou à mãe da Ida e, depois disso, a Ida já não quis brincar mais. A seguir, os Scoggins mudaram-se para a Carolina do Norte e a amizade chegou ao fim.

Agora parecia que as outras raparigas que viviam nas Mansões Magnólia só queriam fazer compras no centro comercial com a Amanda Simm e não lhes interessava jogar às cartas com o Sr. Duffy. Por isso, quando a Mavis Jeeter disse, «Vais ser a minha melhor amiga, está bem?», a Rose sentiu uma pequena onda de felicidade a subir-lhe dos pés à cabeça.

— Está bem — respondeu ela, sentindo as bochechas a arder.

— Vamos? — A Sra. Tully fez sinal para as malas gastas das Jeeters, antes de rumar à porta e ao parque de estacionamento.

A menina Jeeter pegou numa mala colada com fita adesiva e foi atrás.

— Ajuda-me a levar isto — pediu a Mavis à Rose, agarrando numa ponta de uma mochila a rebentar pelas costuras.

A Rose pegou na outra ponta, e as duas despacharam-se a sair para o parque de estacionamento.

A Rose mal podia crer na maravilha daquele dia. Ainda ontem passara a tarde sozinha, sentada no alpendre, entre o *Pete* e o *Larry*, e agora carregava uma mochila com a sua nova melhor amiga.

## MAVIS



**E**nquanto a mãe da Mavis tagarelava no lugar da frente, contando à Sra. Tully que tinha tido aulas de Cozinha Francesa, no Instituto da Juventude, com a prima Elmira, que, por sua vez, tinha entrado num anúncio da Toyota, a Mavis falava à Rose de todos os sítios onde tinham vivido.

— É uma vez, morámos num apartamento em Atlanta que tinha um jacúzi na casa de banho — disse ela. — Mas a senhoria zangou-se, porque tínhamos um cão.

— O que fizeram? — perguntou a Rose.

— Demos o cão ao meu tio Jerry.

— Oh.

— Uma vez, morámos com uma senhora maluca, chamada Trixie, que guardava tudo — disse a Mavis.



— Por exemplo, copos de papel usados e latas de sopa vazias.

— A sério?

— E da outra vez, vivemos por cima de um restaurante chinês, e davam-me bolinhos da sorte à borla.

A Rose arregalou os olhos.

— Em quantos sítios moraram?

— Num monte deles, mas talvez um dia vá viver com o meu pai.

— Onde é que ele mora?

— No Tennessee, com a mãe. — A Mavis aproximou-se da Rose. — Ela é assim mazinha, portanto é um problema — acrescentou.

— A tua avó?

A Mavis assentiu.

— Era para lá ter ficado o verão todo no ano passado, mas ela obrigou-me a vir embora mais cedo.

A Mavis ficou admirada ao ver a Rose ficar um bocadinho triste de repente. Era o primeiro dia delas como melhores amigas, e a Rose já tinha pena da Mavis por causa da avó mazinha. Aquilo era bom sinal.

Enquanto o carro dos Tullys seguia pela autoestrada, a Mavis passou a mão pelos assentos de pele macios. Depois descalçou os chinelos e mexeu os

dedos dos pés no tapete preto e fofo. Não havia um único vestígio de pó, nem uma única migalha no tapete. Quando a mãe da Mavis andava com o carro do namorado, o Mickey, o chão estava sempre cheio de batatas fritas bolorentas, guardanapos sujos e gravilha. Porém, quando a transmissão avariou, a mãe abandonou o carro à beira da estrada, e o Mickey ficou furioso. Discutiram um com o outro e, dois dias depois, lá estava a Mavis a fazer a mochila outra vez.

Pouco depois, a Sra. Tully saiu da autoestrada e andou aos ziguezagues até chegar a um portão de ferro forjado, do outro lado da estrada, e a uma tabuleta que dizia MANSÕES MAGNÓLIA.

— É aqui que tu moras? — perguntou a Mavis à Rose.

A Rose fez que sim com a cabeça.

— Porque tem um portão?

Mas a Rose não respondeu. Acenava a um homem grisalho e cheio de pelos na cara, dentro da portaria de tijolo.

— Quem é? — perguntou a Mavis.

— É o Sr. Duffý. — A Rose continuou a acenar pela janela traseira do carro, enquanto entravam no recinto. — Está muito triste — acrescentou ela.

— Então porquê?

— Morreu-lhe a cadelinha.

A Rose olhou para as mãos pousadas no colo e a Mavis achou que ela ia chorar.

— O que aconteceu?

A Rose levantou a cabeça.

— Como assim?

— O que aconteceu à cadelinha?

— Estava velhota. — A Rose soltou um pequeno suspiro. — O Sr. Duffy fazia truques de magia e tocava o *kazoo* e isso. Mas agora já não. Nem nunca quer jogar damas.

— Então havemos de o animar — disse a Mavis.

— Tenho tentado.

— O que tentaste?

— Bem, levei-lhe amoras. E mostrei-lhe um novo truque de cartas de um livro de magia que tenho na escola.

— Oh, tens de fazer mais do que *isso* — ripostou a Mavis.

— Como por exemplo?

— Hei de pensar nalguma coisa. — A Mavis tocou então braço da Rose. — Confia em mim — acrescentou.

# UM LIVRO ESPLÊNDIDO QUE NOS RECORDA DE QUE A VERDADEIRA AMIZADE SUPERA TODOS OS OBSTÁCULOS.

A corajosa e irreverente Mavis está habituada a uma vida de mudanças. E agora que a mãe aceitou um trabalho numa cidade diferente, a Mavis já só pensa em, finalmente, encontrar uma melhor amiga. O seu sonho parece tornar-se realidade quando conhece a tímida e doce Rose.

Estas duas amigas inseparáveis decidem levar a cabo uma missão. Querem acabar com a tristeza do Sr. Duffy, o velho porteiro das Mansões Magnólia, que, desde a morte da sua cadela, vive só e desanimado. E elas sabem exatamente o que fazer: procurar um novo companheiro de quatro patas para o Sr. Duffy, mesmo que seja no sítio mais surpreendente!

Pelo caminho, a Mavis e a Rose vão aprender como é importante arriscar e ainda descobrir o verdadeiro significado da amizade.

«Nesta história, duas meninas revelam determinação e criatividade para ajudar um amigo e lutar por uma boa causa.»

*Kirkus Reviews*

TAMBÉM VAIS  
GOSTAR DE LER:



**booksmite**  
livros que saltam à vista

20|20 editora

ISBN 978-989-707-948-1

9+



9 789897 079481

Literatura Juvenil